

AUTO DOS GAMAS

Na comemoração dos 450 anos da cidade de

ANGRA DO HEROÍSMO

Por: ANTÓNIO MENDES

Saudação

Mestre

Cada canto uma aleluia,
Cada voz doce magia
Que se eleva num hosana;
Cada crente um resgatado
Das candeias do pecado,
Que a outro justo se irmana.

Todos

Porque é Páscoa o povo canta,
A Natureza se encanta
Porque a alegria voltou.
Sabeis o que aconteceu?
Foi o Cristo que morreu
Que da morte triunfou

Mestre

Na alegria vos saudamos,
Tão felizes porque estamos
Reunidos como irmãos.
Só amor e paz trazemos,
Eis a razão porque queremos
Como amigos dar as mãos.

Todos

É nesta santa união
Que nos dita o coração
Com sentimentos leais,
Além de a todos saudar,
Queremos apresentar
As boas festas pascais.

Mestre

Sobe aos palcos da Terceira
O calor da ilha inteira,
Que até fala de emoção,
Já que nem sempre a alegria
É o pão de cada dia,
Com diz a tradição.

Todos

Quando a história do povo
Nos revela algo de novo,
Que desperta sentimentos,
O povo reza cantando;
Às vezes até chorando,
Com luto no pensamento

ALUSÃO AO TEMA

(De Luís de Camões)

Canto I dos Lusíadas

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana.
E entre gente remota edificaram,
Novo reino que tanto sublimaram.

E também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A fé, o Império e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando
Aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando.
Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho da arte

AUTO DOS GAMAS

Apresentado, pela primeira vez, em “Dança de Páscoa”, em Abril de 1984, na Freguesia de Santa Bárbara Terceira, por um grupo de 53 jovens, a quem o autor dedicou este trabalho.

1º Quadro

Narrador

Havia toda a vantagem
Em descobrir um caminho
Para a Índia, pelo mar.
Só precisava coragem,
Para poder avançar,
Deixando à Pátria carinho,
Amor e patriotismo;
Levando apenas esperança,
P’ra arrostar confiança
E assomos de heroísmo,
Os rigores da procela;
P’ra enfrentar outras gentes,
Embora austeros, descrentes,

Numa aventura tão bela
Que ficaria na história
E gravada na memória
De milhões de portugueses.
E assim audazes, cortesês,
Os valentes marinheiros,
Com Vasco da Gama à frente,
Irão ser os pioneiros
Duma aventura tamanha,
Que apaixonará a Espanha,
Ou a ambiciosa Europa,
Das riquezas do Oriente.
Então a 8 de Julho
Daquele ano de mil
Quatrocentos e noventa e sete,
D. Manuel, com orgulho,
Ante a Côrte lusa, topa
O Capitão mais valente,
De porto nobre e gentil,
Cujo nome se repete
Por todas as gerações;
Incumbe Vasco da Gama
Dessa frota comandar,
E os quatro galeões,
Movidos pela lusa flama,
Assim se fazem ao mar...

D. Manuel I

Havendo por bem mandar
A terras do Oriente,
Uma frota a desvendar
Quantos mistérios do mar
Afrontam a lusa gente;
Havendo por bem trazer
A este reino riqueza,
Que nos permita a certeza
De alto comércio fazer,
Com as especiarias
Das plagas orientais,
Ouro, prata, pedrarias
E tantas riquezas mais
Que abundam nessas paragens,
Envio minhas mensagens,
Que em reinos desconhecidos
Deste reino falarão.
Que sejam bem sucedidos
Nas terras p'ra onde vão.
Que voltem vitoriosos,
Honrados, audaciosos,
Com novas e outras gentes
E comércios mais usados,
Que ao nosso tragam cuidados

Tão úteis, quanto prementes.

Vasco da Gama

Saiba Vossa Majestade
Que, por Deus, quanto escutei,
Por vossa augusta vontade
Prontamente cumprirei.
Provera os céus que nas terras
Aonde possa chegar,
A paz tenha de encontrar
E não contendas e guerras.

D. Manuel I

Eis quanto tenho a enviar
Aos reinos a desvendar.
Que Deus a todos proteja,
Tal com a Virgem da guia
E que a esperança vos seja
O alento de cada dia.

1º Coro

Sulcando os mares
As caravelas,
Feitas altares
Com a cruz nas velas.
O sofrimento
Ninguém recusa,
Porque a alma lusa
Vai dentro delas
Cheias de esperança,
Lá vão... lá vão...
Nem só bonança
Encontrarão.
Mas afinal,
Morte ou vitória,
Tudo é p'ra glória
De Portugal

2º Quadro

Paulo da Gama

Tu, à morte condenado
Por assassino e ladrão,
E nesta frota integrado,
Sabes qual tua missão?
É ir a terra saber
Se o ambiente é propício
Para aqui desembarcarmos.
Se houver alguém que morrer
Ou suportar um suplício
Sejas tu, p'ra nós ficarmos
Olhando a África imensa

Difícil de contornar.
Se a sorte te bafejar,
Hás-de ter, em recompensa,
O perdão do nosso Rei.

Condenado

Sou condenado, bem sei.
Mas, porque nas minhas veias
Corre sangue português,
Darei a vida uma vez
Só p'ra que as nobres ideias
Se cumpram como uma lei.

Paulo da Gama

Se alguém puderes trazer
Até ao nosso navio,
Servirá p'ra convencer
A opinião do gentio.
Vai depressa, que eu aguardo
Favorável decisão.

Condenado

Já que lesto irei, não tardo
A dar novas da missão.

Raptando um indígena

Nosso navio vem ver...
Dele gostarás afinal.
No fim te irei oferecer
Lembranças de Portugal

Indígena

Nada quero. Tenho medo
Que desta terra me leves...

Condenado

Voltarás ao teu degredo,
Já que todo o bem lhe deves.

Veste-lhe um gibão

À nossa moda trajando,
Vai mostrar-te à tua gente.
Ficamos nós aguardando
Que regresse novamente.

Chefe indígena

Que raça estranha é aquela?
Que pele de cor tão diferente...
Que vestimenta tão bela
Enverga toda esta gente!

Vasco da Gama

Amigos, não tenham medo.
Nós somos gente de paz,
Que a vosso lar puro e ledó
Novas d'outro reino traz.
Aceita esta lembrança
Em nome do nosso Rei.

Chefe indígena

Mais bela nunca encontrei
Desde os tempos de criança.

Vasco da Gama

Que este padrão aqui fique,
Para que faça lembrar
O Infante D. Henrique
E esta Pátria dignifique
P'las façanhas sobre o mar.

Paulo da Gama

Que este marco sagrado
Confirme a realidade
Deste feito sublimado,
Em nome da cristandade.
E, por augusta vontade,
Deverá ser respeitado.

Chefe indígena

Mas, então, se a terra é nossa
Vossas leis quereis impor?

Vasco da Gama

Que destruir ninguém possa
Quanto lusitano for.

Chefe indígena

Já fora daqui, malditos.
Em vossa terra mandai.
E o vosso padrão já cai
Com vossas crenças e mitos.

2º Coro

beijando as águas do mar,
veêm-se enormes coqueiros,
com a a desafiar
a fome dos marinheiros.

P'ra além da África imensa
De esperança nos fala a "musa"
Que há-de trazer recompensa
À nobre presença
Desta Pátria lusa.

3º Quadro

Sultão

Ouvi que alguns estrangeiros
A esta terra chegados,
Dão ares de marinheiros
Muito bem experimentados.
Por brancos serem também,
E por trajarem diferente,
Será que toda essa gente
De ibéricas terras vem?

Guarda

Por quanto nos apresenta
O aspecto de cada nau,
E por semblante tão mau,
Passaram grande tormenta.

Sultão

Mandai que toda essa gente
Perante mim compareça,
E desta terra um presente
Lhe darei, caso o mereça.

.....
Vindes de longe, senhores?
Olhando à veste e à raça!...

Vasco da Gama

Dum reino com tais valores,
Que outros reinos ultrapassa.
E da Pátria Portuguesa
Manda El-rei esta mensagem
Que augura de vós certeza
Da melhor camaradagem.

Sultão

O vosso rei poderoso,
Se me não falha a memória,
Deve ser ambicioso
E bem sedente de glória.

Vasco da Gama

A ambição de expandir
A fé, o Império e a raça.

Sultão

Não creio que no porvir
Essa vontade se faça.

Vasco da Gama

Mas noto em vosso trajar

Indumentárias diferentes.
Porventura a este lugar
Já chegaram outras gentes?

Sultão

De terras orientais
Aqui chegam mercadores.
Não serão dos seus valores
Que todos vós procurais?

Paulo da Gama

É esse o desejo nosso,
Que nos faz aventurar.
Mas um marinheiro vosso
Não podemos dispensar.

Sultão

Eis aqui um, experimentado,
Que é digno de confiança.

Vasco da Gama

P'lo vosso gesto obrigado.
Recebei esta lembrança.

Sultão

Que coisas belas trazeis
Do vosso reino de além...
Em troca recebereis
Este presente também.
E desta fruta saborosa
Podereis saborear.

Paulo da Gama

Mais útil que generosa
Moléstias fará sanar.

Que a graça de Deus, Senhor
Recompense o vosso gesto.

Sultão

Não lhe conheço valor,
Além de simples, modesto.

Paulo da Gama

Que sirva a nossa presença
P'ra a fé cristã dilatar.

Sultão

Já temos a nossa crença.
A vossa podeis levar.

3º Coro

Praias formosas
Prendem olhares.
Naus caprichosas
Sulcam os mares.

Raças diferentes
Tão receosas,
São d'outras gentes
Bem duvidosas.
Mas os padrões
Que se alevantam,
Deixam brasões
Que o povo espantam.

4º Quadro

Um Árabe

“ao diabo que te dou!”
diz-me quem te trouxe cá?

Condenado

Português e cristão sou,
E isso honra me dá.

Árabe

Mas então que procurais
Nesta terra tão distante?

Condenado

Cristãos, riquezas e mais
Quanto nos seja importante.

Árabe

Graças a Deus deveis dar
E agradecer, concerteza,
Por vos ter feito chegar
Aonde há tanta riqueza.

Condenado

Nosso Capitão ousado
Este documento envia,
Ao Samorim destinado,
Em sinal de cortesia,
Pedindo que ele nos receba
Em nome do nosso Rei.
Que tudo isto perceba
E mais novas lhe darei.

Árabe

Chamai de vossa companhia,
Quem ao vosso Rei pretende
Falar duma terra estranha,

Que procura o que esta vende.
E aqui por mim esperai,
Que não tardo com a resposta.

.....
com todo o prazer entrai,
pois foi aceite a proposta.

Vasco da Gama

Vos saúdo, majestade,
Feliz por o encontrar.

Samorim

Que se sintam à vontade,
Gozando de bem estar
Por tradição e amizade,
Nossa fruta ireis provar.

(Oferece uma bandeja com fruta)

Vasco da Gama

Muito grato p'lo carinho
Que engloba o vosso gesto.
Depois dum longo caminho,
As minhas honras lhe presto.

Samorim

Donde vindes, cavalheiros,
Com uma imponência tal?

Vasco da Gama

Da terra dos marinheiros,
Que se chama Portugal.

“Discurso”

de rico Império enviados,
demandando os oceanos,
consideramos desvendados
Mistérios de tantos anos.
E o caminho descoberto
De Lisboa até aqui,
Pôs da Europa a Índia perto,
Já que o vosso reino vi.
Que as riquezas do meu reino,
Para permuta trazidas,
Por vós sejam distinguidas.
Se alto comércio trino
Ante Vossa Majestade,
Ainda afirmo com coragem
Que, em nome da cristandade,
Fizemos esta viagem.
Do vosso templo, encantado,
Podemos levar até

Na alma com mil cuidados,
Reflexos da vossa fé.
Que se estabeleça amizade
Entre a Índia e Portugal,
Provando boa vontade
E consumando um ideal

Samorim

Me considero feliz
Perante vós, meus senhores,
E ao vosso grande país
Vou mandar embaixadores.

Vasco da Gama

Estas ofertas trazemos.
Por bondade recebi
E outras mais lhe daremos
Em nome do nosso Rei.

Samorim

Muito admirado fico
De atitude tão ousada.
Quem vem de reino tão rico
E afinal não me traz nada!

Vasco da Gama

Não refuteis o valor,
Mas aceitai confiante,
Que eu sou um embaixador
E não um comerciante.

Samorim

Está bem. Podeis adquirir
Quanto pretendeis levar.
E passo a redigir
Uma mensagem bonita
Para o vosso Rei saudar,
Sobre esta histórica visita.
E um padrão português
Eu prometo erguer também.
Valeu a vossa honradez.
E que a vossa Pátria amada
Se sinta ditosa, honrada,
Só pelos filhos que tem.

“4º Coro”

ó quantos nesta aventura
a alma a Deus já deram,
tendo o mar por sepultura
e prantos não lhes couberam.
Em frente, heróis do mar,
P’la honra imperial,

Que um dia haveis voltar
A terras de Portugal.

5º Quadro

De regresso da Índia, Paulo da Gama adoeceu gravemente, razão por que seu Irmão Vasco, ao chegar ao arquipélago de Cabo Verde, fretou uma caravela para Seguir imediatamente para os Açores, com vista a desembarcar na Ilha Terceira, Onde existia o único hospital do arquipélago, a ver se salvava a vida ai irmão. Apesar De toda a hospitalidade do bom povo terceirense de então, Paulo da Gama faleceu no Dia imediato à sua chegada a esta ilha. Por este grande acontecimento, relacionado com os descobrimentos portugueses da época Manuelina, estar ligado aos Açores, e duma maneira muito especial à Ilha Terceira de Nosso Senhor Jesus Cristo, se refere neste auto o quanto nos toca profundamente na alma, e por vezes nos emociona, sempre que é feita alusão ao citado acontecimento.

“Meu Bem” (do folclore terceirense)

“Ó meu bem, se tu te fores,
Como dizem que te vais,
Deixa-me o teu nome escrito
Numa pedrinha do cais”.

Narrador

“Deixa-me o teu nome escrito
Numa pedrinha do cais”!
Quantas noivas terão dito
Aos que votaram jamais.
Oh! Quantos bens se perderam
Nesses mares de aventura,
E outros não compreenderam
Tanta dor, tanta amargura.
Mas à ilha dos Amores
Acabou de aportar
O rei dos navegadores,
Que uma vida vem salvar.
Que a Terceira de Jesus,
Que brasão de nobre ostenta,
Possa aliviar a cruz
Que um marinheiro atormenta.
Que o vergel da terra amiga
Possa bálsamo verter,
Que dar mais vida consiga
A quem vem quase a morrer.

Vasco da Gama

Em pequena caravela,

Vimos da Índia aos Açores,
Pedir a esta terra bela
Remédio p'ra grandes dores.
Meu irmão está tão doente
Que já nem pode falar.
Daí-lhe cura, nobre gente,
P'ra que ele possa novamente
A terra lusa beijar.
Já que vos vejo, bom frade,
Com olhos de compaixão,
Vos peço por caridade,
Que ajudes o meu irmão.

Frade

No convento Franciscano
Com prazer receberemos
O vosso querido mano
E lá por ele rezaremos.

6º Quadro

Paulo da Gama

Eu sinto que vou morrer.
Minha missão acabei
E não voltarei a ver
Minha mulher, nosso Rei...
Se me entristece pensar
Jamais ver a Pátria-Mãe,
Me alegra poder ficar
Nesta ilha açoriana,
Que, se à Mãe-Pátria se irmana,
É portuguesa também.
Entendo que vale a pena
Pela Pátria sofrer
E até Deus não condena
Quem p'la fé chega a morrer.
Adeus irmão. Vou partir...
Leva este grito de dor
E esta ardente saudade,
Que um dia farão sentir
Na alma do meu amor,
Que eu fico na eternidade.

.....

Vejo a cruz das caravelas
E ao lado a Virgem da Guia!
Oh! Que figuras tão belas...
Salva-me... Virgem Maria...(Morre)

(Ouve-se, do folclore terceirense, a sentimental “saudade”, como fundo musical)

Vasco da Gama

Paulo, meu querido irmão,
Morreste! Ó que amargura
Me invade o coração.
E assim vais ter sepultura
Neste pequeno torrão.
Ó que dor levo no peito,
Por te deixar tão distante!
Que todos te rendam preito
A partir deste instante.
Jamais terei teu carinho
Nas horas de incerteza,
Como ao longo do “Caminho”
Que honra a Pátria portuguesa.

(Um coro de mulheres terceirenses canta😊)

“A saudade é um luto,
Uma dor uma paixão;
É um cortinado roxo
Que me cobre o coração”.

Vasco da Gama

Adeus Paulo, bom irmão.
Fica-te nesta Terceira,
Pedacinho da Nação
Tão nobre e hospitaleira.
A imagem da tua morte
Nunca mais esquecerei.
Que ao menos Deus te conforte,
Já que o pranto levarei.

7º Quadro

Narrador

Estava descoberto o caminho
Marítimo para a Índia, e então
As naus voltavam a buscar carinho
E recompensa por um feito tão
Nobre que, em dourado pergaminho,
Se juntava à história da Nação.
E uma nau demandando os Açores,
Buscava esta Ilha dos Amores.

Vítima dos rigores da viagem,
Paulo da Gama então adoeceu,
Mas o seu irmão Vasco, com coragem,
Ainda nova esperança concebeu;
Alcançar nos Açores hospitalagem
P’ra curar o valente irmão seu.
Após tamanha audácia, queria vê-lo
Desembarcar consigo no Restêlo.

Mas a morte rondava na Terceira

E a Paulo para sempre arrebatou.
Ficou chorando Vasco a vida inteira,
Porque aventura não se consumou.
E na igreja onde mora a companheira
Da viagem, o Gama repousou
Eternamente, e quem lá vai rezar
Lê um trecho da história ao altar.

Mulher de Paulo da Gama

Vasco, onde está meu Paulo?
Há tanto por ele anseio...
Estou aqui a esperá-lo
Desde que a outra nau veio.

Vasco da Gama

O teu Paulo muito amado,
Honra dos navegadores,
Não vem; ficou sepultado
Numa ilha dos Açores!

Mulher de Paulo

(De Luís de Camões☺)

“Alma minha gentil que partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Eféreo onde subiste
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou,
De mágoa sem remédio de perder-te,

Roga a Deus que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

D. Manuel I

Benvindo, Vasco da Gama
À terra donde partiu.
Que o envolva a lusa chama
Do amor pátrio que o seguiu.
Por quantas novas me trazes
Se há-de a Pátria orgulhar,
Já que os homens mais audazes
Se chamam heróis do mar.
E esse herói que ficou
Repousando nos Açores,

Também se imortalizou
No rol dos navegadores.
Vasco, o teu Rei te abraça,
Tocado de emoção,
E que o reino preces faça
Por alma do teu irmão.
Mulheres que a Deus recorrem,
Orando por seus maridos,
Saibam que os heróis não morrem,
Se jamais são esquecidos.

Vasco da Gama

Embora emocionado,
Por ter alcançado um fim,
Entrego, do meu cuidado,
A carta do Samorim.

D. Manuel I (Lendo a carta que recebera:)

Mui grato por receber
A vossa nobre embaixada,
Que à Índia veio trazer
Uma mensagem cuidada
Em nome do vosso Império,
Muito me apraz saudar
A quantos heróis do mar
Desvendam lenda e mistério.
Passe a constar a amizade
Entre os nossos grandes povos,
Provando a realidade
Que enceta comércios novos.
Desta terra oriental,
O vosso reino enalteço,
E com prazer reconheço
O nome de Portugal.

(Ostentando ao povo a carta do Samorim:)

Eis aqui o testemunho
Da realidade imensa
Que p'ra sempre será cunho
Da nossa real presença.

(Aclamando Vasco, perante o povo:)

Viva Vasco da Gama,
Mais um herói Nacional

Viva... Viva...

Viva para sempre a fama
Que tanto honrou Portugal!

(De Fernando Pessoa:)

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal.
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quanto filhos em vão rezaram,
Quantas noivas ficaram por casar,
P'ra que fosses nosso ó mar.
Valeu a pena?
Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do bojador,
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o próprio abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Coro – Final

Quando se evoca o passado
E as aventuras dum povo,
Cada qual se sente honrado
E até tentado
A partir de novo.

Quando uma história é escrita
Com heroísmo e bravura,
Além de nobre é bonita,
P'ra quem acredita
No mar da aventura.

Coro

Aqueles que partem
Com ansiedade,
Conosco repartem
A saudade
E porque também
Vos vamos deixar,
Por confiança
Cada qual tem
Na mente a esperança
De aqui voltar.

As epopeias de então,
Refletem luz no presente,
Já que é a mesma Nação,
Criando emoção na alma da gente.

P'ra realçar os valores
Que a nossa Pátria enobrecem,
Quis a ilha dos amores
Narrar aos Açores
Quanto desconhecem.

Uma mensagem saudosa
De Santa Bárbara deixamos,

Nesta data jubilosa
E tão caprichosa
Que nós celebramos.

Angra, Mui Nobre cidade,
Centenária tantas vezes,
Ao mundo impõe lealdade
Na heróica verdade
Que honra os portugueses.

Casa da Cultura da Terceira
Processado em computador por Fátima Oliveira, a partir do documento
existente na Colecção JNB.
Angra do Heroísmo, Fevereiro de 2003.